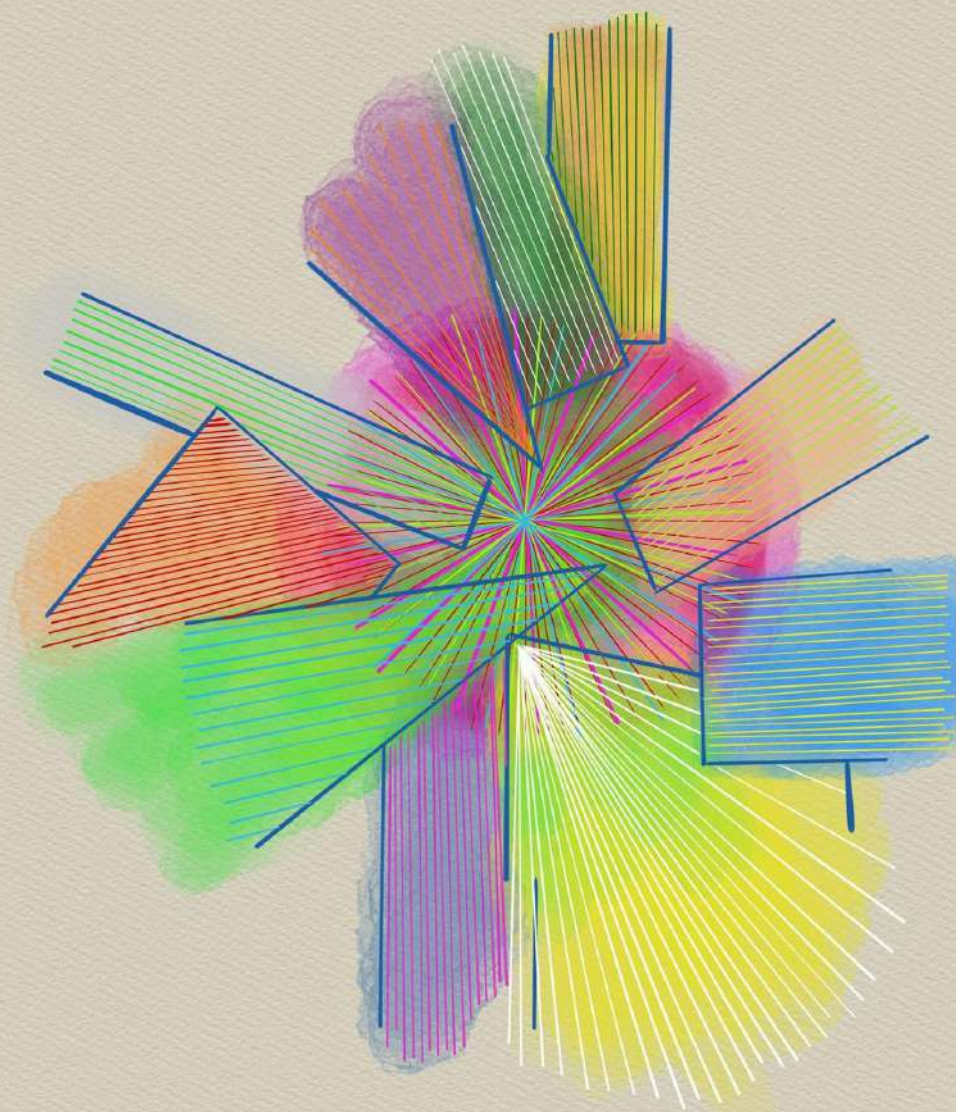


Os caminhos da economia de solidariedade



Luis Razeto Migliaro

**OS CAMINHOS DA ECONOMIA
DE SOLIDARIEDADE**

Luis Razeto Migliaro

Ediciones Universitatis Nueva Civilización

OS CAMINHOS DA ECONOMIA DE SOLIDARIEDADE

Autor: **Luis Razeto Migliaro**

Traduzido do espanhol por **Claudio A. Barría Mancilla**

Título do original em espanhol: Los Caminos de la Economía Solidaria

Primera edición en español: Santiago de Chile, 1996, Ediciones Vivarium

Ediciones Universitatis Nueva Civilización

Santiago de Chile, 2018.

Edição especial, separada em capítulos, por Pluriverso Coletivo Ltda.

Revisão da versão em português para esta edição, Claudio Barría Mancilla,
Pluriverso, Rio de Janeiro, 2023.

INDICE

PRELUDIO

I. O QUE É A ECONOMIA DE SOLIDARIEDADE

II. O CAMINHO DOS POBRES E DA ECONOMIA POPULAR

III. O CAMINHO DA SOLIDARIEDADE PARA COM OS POBRES E OS SERVIÇOS DE PROMOÇÃO SOCIAL

IV. O CAMINHO DO TRABALHO

V. O CAMINHO DA PARTICIPAÇÃO SOCIAL E DA AUTOGESTÃO

VI. O CAMINHO DA AÇÃO TRANSFORMADORA E DAS MUDANÇAS SOCIAIS

VII. O CAMINHO DO DESENVOLVIMENTO ALTERNATIVO

VIII. O CAMINHO DA ECOLOGIA

IX. O CAMINHO DA MULHER E DA FAMÍLIA

X. O CAMINHO DOS POVOS ANTIGOS

XI. O CAMINHO DO ESPÍRITO

XII. POR UMA CIVILIZAÇÃO DA SOLIDARIEDADE E DO TRABALHO

PRELUDIO

Nos doze capítulos que fazem parte desse livro, falaremos de muita coisa e exporemos variadas reflexões. O seu objetivo imediato é apresentar a economia da solidariedade como um fenômeno que começa (ou volta) a existir pela ação de pessoas que se empenharam na procura de novas formas de se fazerem as coisas. Compartilharemos seus motivos, preocupações e urgências. Vasculharemos, junto a eles, os caminhos que se abrem com a sua ação pioneira. Iremos nos aproximar das suas singelas experiências.

Todavia, devemos advertir ao leitor que preparamos ainda um itinerário mais amplo, que vai nos introduzir em algumas graves questões do mundo em que vivemos, levando-nos a explorar certas facetas menos evidentes da nossa existência pessoal.

O que gostaríamos de fazer junto ao leitor, é aceder a um lugar de observação muito especial, que existirá só ao construí-lo dentro de nós mesmos. Se o alcançarmos, será dado a nós um novo ponto de vista, a partir do qual enxergaremos a realidade de perto e de longe ao mesmo tempo. Um ponto de vista assim, não pode ser excludente nem unilateral, porém muito amplo e compreensivo. Teremos, então, que nos alçar por cima da nossa experiência até um observatório desde onde veremos tudo ao longe, até abrangermos o panorama de uma civilização inteira. Porém, não podemos subir até lá, a não ser nos aproximando das pessoas e das coisas que estão ao nosso lado, aguçando o olhar para vê-las melhor. Teremos, então, a possibilidade de aceder a uma nova visão do nosso mundo e de nós dentro dele.

Desde aquele lugar veremos os caminhos da economia da solidariedade. Será, assim, percebida como algo que vem de muito antigo (talvez das próprias origens da sociedade) e que se projeta para um longínquo futuro (talvez uma nova civilização). A partir de pequenas experiências, que com esforço pretendem se consolidar, procuraremos entender a nossa

sociedade em crise, e tentaremos vislumbrar os embriões de uma nova era.

É claro que as distâncias que separam as experiências concretas da sua possível projeção histórica são enormes, e os caminhos que poderiam levar do pequeno existente ao grande pensável, ainda não foram traçados. O que em verdade existe, são pequenos caminhos que vêm sendo abertos de um modo muito artesanal e avançando no escuro. Porém, nós, ao avançarmos por eles, desenharemos, ao mesmo tempo, o mapa dos espaços abertos e um planejamento dos possíveis caminhos a serem percorridos.

O convite que fazemos ao leitor é para nos acompanhar, passo a passo, até o nosso especial lugar de observação. Só nos vemos obrigados a avisar que se chegar até lá, talvez depois não queira mais ver as coisas como antes e se veja envolvido em insuspeitadas aventuras: explorando por essas pegadas, abrindo caminhos, junto a mulheres e homens companheiros de estrada, que aprenderá a reconhecer como irmãos.

I. O QUE É A ECONOMIA DE SOLIDARIEDADE

Pode-se juntar a economia e a solidariedade?

Economia de solidariedade é um conceito novo que, embora tenha surgido poucos anos atrás, está já fazendo parte da cultura latino-americana. Quando comecei a usar esta expressão, e publiquei em 1984 o livro primeiro de **Economia de solidariedade e mercado democrático**, pude observar a reação de surpresa provocada ao associar os dois termos numa só expressão. As palavras “economia” e “solidariedade”, embora comuns tanto na linguagem coloquial quanto na culta, faziam parte de “discursos” separados. “Economia”, inserida numa linguagem factual e num discurso científico; “solidariedade”, numa linguagem *valorativa* e num discurso ético. Dificilmente apareciam os dois termos num mesmo texto, menos ainda, num só julgamento ou razoamento. Logo, parecia muito estranho vê-los unidos num mesmo conceito.

A separação entre a economia e a solidariedade radica no conteúdo que costuma-se dar a ambas noções. Ao falarmos de economia nos referimos, espontaneamente, à utilidade, à carência, aos juros, à propriedade, à competição, ao conflito, ao ganho. E, embora as referências à ética não sejam alheias ao discurso econômico, os valores que comumente aparecem nele são a livre iniciativa, a eficiência, a criatividade individual, a justiça distributiva, a igualdade de oportunidades, os direitos pessoais e coletivos. Nem a solidariedade, nem a fraternidade, muito menos a gratuidade.

Podemos ler numerosos textos de teoria e análise econômica das mais variadas correntes e escolas sem nunca depararmos com a solidariedade. Quando muito, comparece, às vezes, a palavra cooperação, porém num sentido técnico que alude à necessária complementação de fatores ou interesses, mais do que a livre e gratuita associação de vontades. Uma

exceção a isto encontra-se no discurso e na experiência do cooperativismo, contudo, e confirmando o dito, este tem encontrado grandes dificuldades para fazer presente seu conteúdo ético e doutrinário no nível da análise científica da economia. Charles Guide expressara muito bem esta ausência, já em 1921, num célebre artigo intitulado justamente **Por que os economistas não amam a cooperação.**

Algo semelhante acontece conosco ao falarmos em solidariedade. A ideia da solidariedade é habitualmente inserida no chamamento ético e cultural ao amor e à fraternidade humana, ou faz referência à ajuda mútua para encarar problemas compartilhados, à benevolência ou generosidade para com os pobres e carentes de ajuda, à participação em comunidades integradas por vínculos de amizade e reciprocidade. Esse chamado à solidariedade, arraigado na natureza humana, portanto conatural ao homem, qualquer seja sua condição e seu modo de pensar, tem encontrado suas expressões mais elevadas nas procuras espirituais e religiosas, sendo na mensagem cristã do amor, onde a solidariedade é levada a sua mais alta e sublime valoração.

Todavia, desde a ética do amor e a fraternidade, a relação com a economia não tem sido simples nem eximida de conflitos. Dado que nas atividades econômicas prima o interesse individual e a competição, a procura da riqueza material e o consumo abundante, aqueles que enfatizam a necessidade do amor e a solidariedade têm mostrado uma tendência a considerar com distância e desconfiança a dedicação aos negócios e atividades empresariais. Desde o discurso ético, espiritual, e religioso, o comum tem sido estabelecer, a respeito dessas atividades, uma relação “desde fora”: como denúncia das injustiças geradas na economia, como exercício de uma pressão tendente a exigir correções perante os modos de operar estabelecidos, ou bem, em termos de ação social, como esforço por paliar a pobreza e a subordinação dos que sofrem injustiças e marginalização, através de atividades promocionais, organizativas, de conscientização, etc.

A realização de atividades econômicas em primeira pessoa, a construção e administração de empresas, dificilmente e por poucos, tem sido

percebida como um modo de atuação prática da mensagem cristã, como uma vocação peculiar na que possam se concretizar os valores, princípios e compromissos do evangelho.

Tem se salientado, sim, o conteúdo ético e solidário do trabalho, porém ao fazê-lo não se tem em conta o suficiente, que o trabalho é só uma parte da atividade econômica e que só é possível realizá-lo se inserido em organizações e estruturas econômicas; de fato, a valoração positiva do trabalho costuma ser apresentada junto a enunciados críticos sobre a empresa e a economia em que este é desenvolvido.

Desse modo, o clamor pela solidariedade, a fraternidade e o amor permaneceram alheios à economia como tal. Comprovamos esta distância na ação social que instituições cristãs realizam entre os pobres, as quais, embora deem lugar a verdadeiras organizações econômicas, são dificilmente reconhecidas como tais. Comumente, torna-se necessário realizar um esforço consciente para superar as resistências, que opõem muitos dos mais comprometidos com essas experiências a considerá-las como não puramente conjunturais ou de emergência, mas como um modo permanente de se fazer economia de maneira solidária.

Muitas dessas resistências têm sido superadas entre nós desde que sua S.S. João Paulo II, na sua viagem ao Chile e à Argentina em 1987, e especialmente em seu discurso perante a CEPAL, expôs e divulgou com força a ideia de uma “economia da solidariedade” na qual disse, *“colocamos todos, nossas melhores esperanças para a América Latina”*. Tal chamamento foi fundamental para a difusão e incorporação na cultura da América latina da ideia de uma economia de solidariedade; porém, o conteúdo dela permanece indeterminado e impreciso para muitos. O enunciado pelo Pontífice não proporciona elementos suficientes como para encher de conteúdo uma ideia da que se esperam tantas realizações. Unir numa mesma expressão economia e solidariedade aparece, então, como um chamado a um processo intelectual complexo que deveria desenvolver-se de forma paralela e convergente em duas direções: de um lado, trata-se de desenvolver um processo interno ao discurso ético e axiológico, pelo qual se recuperar a

economia como espaço de realização e atuação dos valores e forças da solidariedade; do outro, de desenvolver um processo interno à ciência da economia que possa abrir espaços de reconhecimento e atuação à ideia e ao valor da solidariedade.

Incorporar solidariedade na economia

Ao dizermos “economia de solidariedade” estamos colocando a necessidade de **introduzir a solidariedade na economia, de incorporar a solidariedade na teoria e na prática da economia.**

Dizemos introduzir e incorporar solidariedade na economia com intenção muito precisa. Como estamos habituados a pensar a economia e a solidariedade como parte de diferentes preocupações e discursos, ao chegarmos a relacioná-las tendemos a estabelecer o nexo entre elas de outro modo. Têm-se nos dito muitas vezes que solidarizar como um modo de paliar alguns defeitos da economia, de preencher alguns vazios gerados por ela, ou de resolver certos problemas que a economia não tem conseguido superar. Assim, tendemos a supor que a solidariedade deve aparecer depois que a economia já cumpriu a sua tarefa e completou seu ciclo.

Primeiro estaria o tempo da economia, em que os bens e serviços são produzidos e distribuídos. Uma vez efetuada a produção e distribuição, viria o momento em que entra em ação a solidariedade, para compartilhar e ajudar àqueles que resultaram desfavorecidos pela economia, ficando mais necessitados. A solidariedade começaria quando a economia tiver terminado sua tarefa e funções específicas. A solidariedade seria feita com os resultados -produtos, recursos, bens e serviços- da atividade econômica, mas não seriam solidários a atividade econômica em si, suas estruturas e processos.

O que sustentamos é diferente disso, isto é, que a solidariedade se introduza na economia em si, que opere e atue nas diversas fases do ciclo econômico, ou seja, na produção, circulação, consumo e acumulação.

Isto implica produzir **com** solidariedade, distribuir **com** solidariedade, consumir **com** solidariedade, acumular e desenvolver **com** solidariedade. E que seja introduzida e compareça na **teoria econômica**, superando uma ausência muito notória numa disciplina em que o conceito de solidariedade parecia não encaixar apropriadamente.

Faz um tempo que escutei dizer a um conotado economista, ao que lhe perguntaram pela economia de solidariedade, que é necessário existir tanta solidariedade quanto seja possível, sempre que esta não interfira nos processos e estruturas econômicos, as que poderiam ver-se afetadas em seus próprios equilíbrios. Nossa ideia de economia de solidariedade é exatamente o oposto: que a solidariedade seja tanta que chegue a transformar desde dentro e estruturalmente à economia, gerando novos e verdadeiros equilíbrios.

Se tal é o sentido profundo e o conteúdo essencial da economia de solidariedade, nos perguntamos então, em que formas concretas se manifestará essa presença ativa da solidariedade na economia? Nossa pergunta inicial: O que é a economia de solidariedade? Especifica-se nesta outra: como se pode produzir, distribuir, consumir e acumular solidariamente?

Podemos dizer, inicialmente, que ao incorporar a solidariedade na economia acontecem coisas surpreendentes nesta. Aparece **um novo modo de fazer economia, uma nova racionalidade econômica**.

Contudo, como a economia possui tantos aspectos e dimensões e é constituída por tantos sujeitos, processos e atividades, e como a solidariedade tem tantas maneiras de se manifestar, a economia da solidariedade não será um modo definido e único de organizar atividades e unidades econômicas. Pelo contrário, muitas e muito variadas serão as formas e modos da economia de solidariedade. Trata-se de tentar pôr mais solidariedade nas empresas, no mercado, no setor público, nas políticas econômicas, no consumo, no gasto social e pessoal, etc.

Dizemos pôr “mais” solidariedade em todas estas dimensões e facetas da economia porque é preciso reconhecer que algo da mesma existe já nelas, embora isto não tenha sido reconhecido expressamente. Como não reconhecer expressões de solidariedade entre os trabalhadores de uma empresa que negociam coletivamente, ainda quando os de maior produtividade poderiam obter melhores condições fazendo-o individualmente, ou quando alguns chegam a pôr em risco o emprego por obter benefícios para todos? Ou entre os técnicos que trabalham numa equipe compartilhando conhecimentos ou transferindo-os a outros menos qualificados? Não é manifestação de solidariedade o sacrificio de maiores ganhos que alguns empresários fazem às vezes, mantendo empregos dos que poderiam prescindir; preocupados pelos efeitos da demissão em pessoas e famílias que chegaram a conhecer e apreciar?

Poderia se dizer que isso é muito raro acontecer, ou que as motivações nem sempre são genuinamente humanitárias, e pode ser verdade. Porém, o fato é que relações e comportamentos solidários existem. Pelo mais, a solidariedade tem graus, e seria um erro reconhecê-la somente em suas manifestações mais puras e eminentes.

Diz-se, e é verdade, que o mercado opera de maneira tal, que cada sujeito toma suas decisões em função de sua própria utilidade. Porém, a existência mesma do mercado, não põe, por acaso, de manifesto o fato inegável de que precisamos os uns dos outros e que, de fato, trabalhamos os uns para os outros? Não ficam, por acaso, excluídos do mercado aqueles produtores que não estiverem muito atentos a satisfazer de bom grau as necessidades de seus potenciais clientes?

Esta presença parcial da solidariedade na economia é explicada pelo fato das organizações e processos econômicos serem o resultado da ação real e complexa dos homens, os que põem em sua atividade tudo que há neles, e a solidariedade é algo que, sem dúvida, em alguma medida, está presente em todo ser humano.

Com isto não queremos dizer, decerto, que a economia atual seja solidária. Pelo contrário, uma análise dela nos coloca perante uma

organização social e econômica na que competem pelo predomínio, os interesses privados com os interesses das burocracias e do Estado, num esquema de relações baseadas na força e na luta, a competição e o conflito, que relegam para um lugar muito secundário tanto os sujeitos comunitários quanto as relações de cooperação e solidariedade. Os principais sujeitos da atividade econômica são motivados pelo interesse na ganância e pelo temor aos outros e ao poder, mais do que pelo amor e a solidariedade de todos. A mencionada presença da solidariedade na economia é, certamente, escassa e pobre demais, porém é **indispensável** reconhecê-la, devido a três razões fundamentais.

A primeira, por uma exigência de objetividade científica. A segunda, porque se não houvesse, na atualidade, nada de solidariedade - na economia, nas empresas e no mercado do modo em que eles existem - não vemos como seria possível pensar a economia de solidariedade como um projeto viável. Com efeito, construí-la implicaria numa espécie de criação *ex nihilo*, do nada. De onde tiraríamos aquela solidariedade que haveria de ser introduzida na economia, e como poderíamos incorporá-la se a mesma fosse refratária a ponto de, até agora, não ter permitido nem a sua expressão mais mínima? Não restaria a nós senão reconhecermos que a economia e a solidariedade haverão de se manter em sua recíproca exterioridade e separação, de modo definitivo.

Uma terceira razão pela qual é importante reconhecer a presença de algo de solidariedade nas empresas e no mercado, é a necessidade de se evitar o que seria um grave mal-entendido: pensar a economia de solidariedade como algo totalmente oposto à economia de empresas e à economia de mercado. A ideia e o projeto de uma economia de solidariedade não foram pensados por nós como **negação** da economia de mercado ou como alternativa perante a economia de empresas. Fazê-lo seria completamente anti-histórico e inclusive alheio ao homem como é e como pode ser.

A economia de solidariedade não é negação da economia de mercado; porém, tampouco é a sua simples reafirmação. Ela expressa, sim, como apreciaremos ao avançarmos pelos seus caminhos, uma orientação

fortemente crítica e decididamente transformadora quanto às grandes estruturas e os modos de organização e de ação que caracterizam a economia contemporânea.

As duas dimensões da economia de solidariedade

Se a economia de solidariedade constitui-se pondo solidariedade na economia, manifestar-se-á em diversas formas, graus e níveis segundo a forma, o grau e o nível em que a solidariedade se faça presente nas atividades, unidades e processos econômicos. Destarte, podemos diferenciar nela e no processo do seu desenvolvimento, duas grandes dimensões.

De um lado, haverá economia de solidariedade na medida em que, nas diversas estruturas e organizações da economia global, cresça a solidariedade pela ação dos sujeitos que a organizam. Do outro, identificaremos economia de solidariedade numa parte ou setor especial da economia: naquelas atividades, empresas ou circuitos econômicos em que a solidariedade se tenha feito presente de modo intensivo, e onde ela opere como elemento articulador dos processos de produção, distribuição, consumo e acumulação.

Distinguiremos, assim, dois componentes que aparecem na perspectiva da economia solidária: um processo de *solidarização* progressiva e crescente da economia global, e um processo de construção e desenvolvimento paulatino de um setor especial de economia de solidariedade.

Ambos os processos irão se alimentar e se enriquecer reciprocamente. Um setor de economia de solidariedade consequente poderá difundir sistemática e metodicamente a solidariedade na economia global, tornando-a mais solidária e integrada. Por sua vez, uma economia global na que a solidariedade esteja mais estendida, proporcionará elementos e vantagens especiais para o desenvolvimento de um setor de atividades e organizações econômicas consequentemente solidárias.

Em ambos os níveis a economia de solidariedade convida-nos a todos. Ela não poderá se estender senão na medida em que os sujeitos que atuamos economicamente sejamos mais solidários, porque toda atividade, processo e estrutura econômica é o resultado da ação do sujeito humano, individual ou social.

Para expandir a economia de solidariedade é preciso compreender em profundidade a conveniência, oportunidade e inclusive a necessidade de construí-la. Muitos homens e mulheres têm empreendido caminhos práticos de incorporação da solidariedade na economia, e assim, vai-se -e está- construindo-se economia de solidariedade tanto ao nível global como num setor econômico especial. Tais processos, por sinal, enfrentam múltiplas dificuldades e obstáculos e devem enfrentar tendências adversas que parecem, hoje, serem predominantes. Porém, o que fazem não deixa de dar resultados e marcar pisadas que depois outros poderão seguir com maiores facilidades. Conhecer suas motivações e os caminhos que estão seguindo em suas experiências pode nos proporcionar abundantes estímulos e razões para não obstaculizarmos o trabalho deles, para apoiá-los positivamente e para nos somarmos a suas procuraras.

Conhecer esses motivos e caminhos e nos aproximarmos das suas experiências, nos levará a compreender quais são as formas e os conteúdos da economia de solidariedade mais consequentemente desenvolvida.

Com efeito, pensamos a economia de solidariedade como um grande espaço ao qual se converge desde diferentes caminhos, os que se originam a partir de diversas situações e experiências; ou como uma grande casa à qual se entra com diversas motivações por diferentes portas. Diversos grupos humanos compartilham destas motivações e transitam esses caminhos, experimentando diversas maneiras de fazer economia com solidariedade.

As distintas iniciativas encontram-se no espaço ao qual convergem: ali se conhecem, trocam razões e experiências, aportam-se e complementam-se reciprocamente, enriquecem-se umas às outras. Os que chegam por um motivo aprendem a reconhecer o valor e a validade dos outros, e assim, vai-se construindo um processo em que a racionalidade especial da economia de solidariedade vai-se completando, potenciando, e adquirindo crescente coerência e integridade. Conhecendo esses motivos e caminhos, essas procuras e experiências, iremos compreendendo cada vez mais ampla e profundamente, o que é a economia de solidariedade e encontraremos abundantes razões para participar dela.